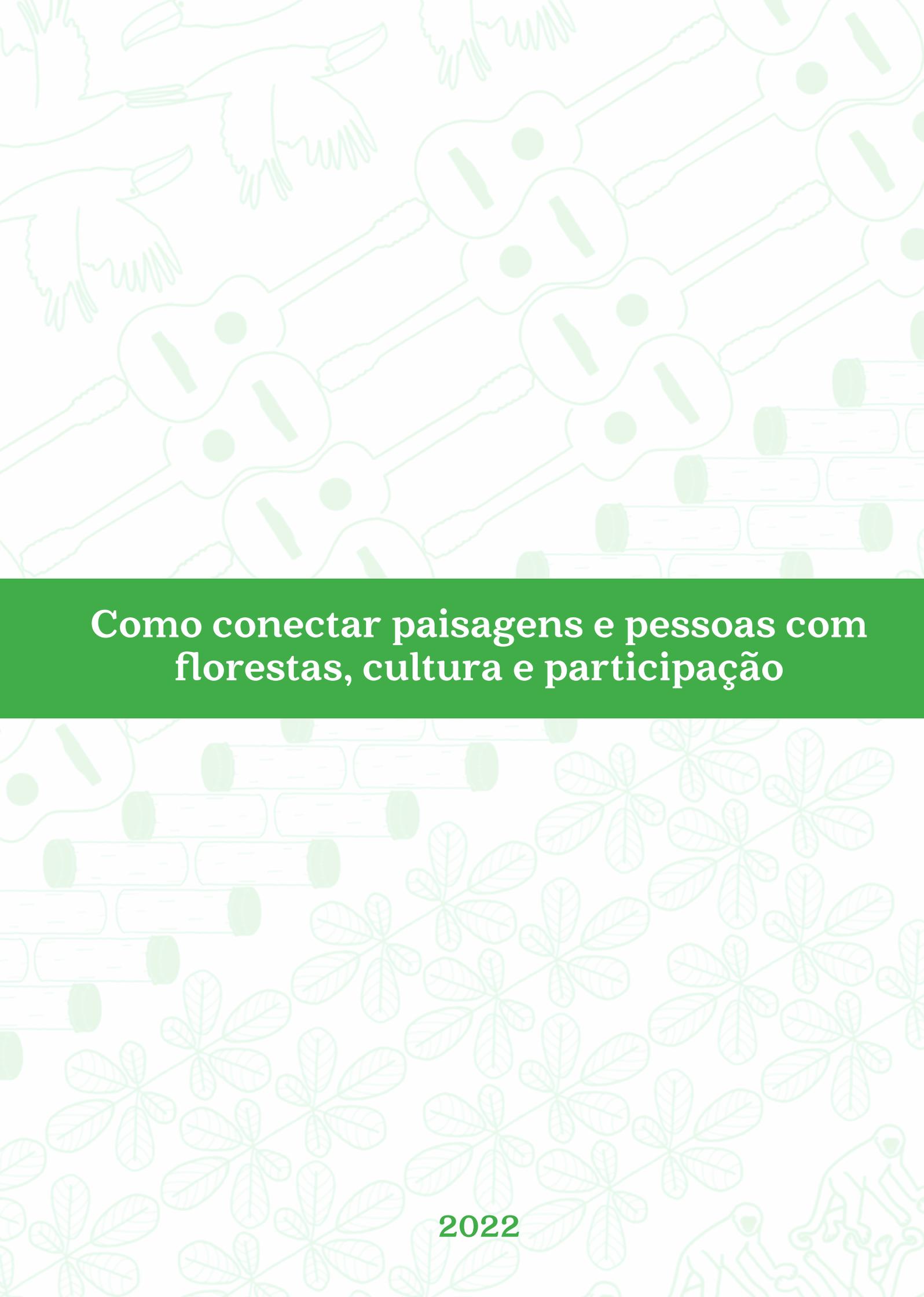




**Como conectar paisagens
e pessoas com florestas,
cultura e participação**



Como conectar paisagens e pessoas com florestas, cultura e participação

2022

Coordenação Geral do projeto “Corredor Caipira”

Edson Vidal da Silva

Coordenação Executiva do projeto “Corredor Caipira”

Henrique Ferraz de Campos
Germano de Freitas Chagas

Autoria do Guia

Henrique Ferraz de Campos
Karine Silva Faleiros
Rafael Bitencourt

Revisão Final

Rafael Bitencourt

Design Editorial

Jéssica Lane Custódio
Grégory Antony

Design de Capa

Jéssica Lane Custódio

Fotografia de Capa

Jéssica Lane Custódio

Fotografias

Jéssica Lane Custódio
Rafael Bitencourt

Patrocínio

Petrobras

Para Citar

Corredor Caipira (2022) Como conectar paisagens e pessoas com florestas, cultura e participação. Piracicaba, Brasil. 20 páginas.



Índice

O que é o “Corredor Caipira”? 4

É urgente conectar paisagens e pessoas! 7

Como o Corredor Caipira trabalha a conexão entre paisagens e pessoas? 9

O papel da cultura na conexão de paisagens e pessoas 11

Como priorizar a participação e a inclusão de todas as pessoas nos processos de transformação territorial? 12

Exemplo prático: Método aplicado no curso Conectando Paisagens e Pessoas - Como Transformar territórios com Agroecologia 14

Como potencializar os processos de implantação de florestas de forma demonstrativa 16

Exemplo prático: Oficinas de implantação florestal e agroflorestal em São Pedro (SP): 18

Amanhã - Considerações finais 20

Referências 20



O que é o “Corredor Caipira”?

O projeto “Corredor Caipira – Conectando Paisagens e Pessoas” foi desenvolvido a muitas mãos, ao reunir a diversidade de expertises do grupo formado por professores, pesquisadores e profissionais que compõem o Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão Universitária em Educação e Conservação Ambiental (Nace-Pteca), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/Universidade de São Paulo (Esalq/USP).

O grupo multidisciplinar, que tem em comum entre seus membros a atenção à causa socioambiental e ao estreitamento de relações entre a sociedade, a universidade e as instituições públicas e privadas, começou a delinear o projeto com uma metodologia construída coletivamente de forma a atender esses objetivos e, após ser submetido e posteriormente aprovado no processo de seleção pública do Programa Petrobras Socioambiental, foi efetivamente iniciado no final de 2020, com patrocínio da Petrobras.

O intuito da iniciativa, realizada, ainda, pela Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq), é implantar 45 hectares de florestas e agroflorestas e formar corredores agroecológicos no estado de São Paulo, além de promover atividades multidisciplinares focadas na conservação da fauna e da flora no território que abrange, diretamente, Piracicaba, São Pedro, Águas de São Pedro, Santa Maria da Serra e Anhembi.

Outros 13 municípios são beneficiados indiretamente, por meio do auxílio na definição de áreas prioritárias para restauração florestal, com o intuito de melhorar a conectividade entre matas nativas. São eles: Avaré, Analândia, Bofete, Botucatu, Charqueada, Corumbataí, Guareí, Ipeúna, Itatinga, Itirapina, Pardinho, Rio Claro e Torre de Pedra.



Corredores Ecológicos

Corredores ecológicos são áreas que unem trechos de floresta que foram separados pelo ser humano, para construir estradas ou realizar atividades madeireiras, por exemplo. Uma vez instaurados, tais corredores permitem que os animais se desloquem de um ponto a outro, assim como possibilita a dispersão de sementes. Assim, há a conservação da biodiversidade.

O desmatamento tem levado ao isolamento das populações de espécies existentes entre esses fragmentos, especialmente na região de Piracicaba, marcada pelo cultivo da cana-de-açúcar. Com esse isolamento, a mobilidade da fauna é dificultada, e, com isso, a preservação dessas espécies de animais é comprometida. Dessa forma, o “Corredor Caipira” (como o projeto é carinhosamente chamado), visa conservar a genética dessas espécies que sofrem com a degradação ambiental e começam a sumir de nossas matas.

Engajamento e união de forças

Para que os corredores se estabeleçam e se espalhem pelo território, é necessário o engajamento de pessoas, comunidades e instituições por meio da realização de um processo dialógico de educação ambiental e da articulação permanente de políticas públicas.

O “Corredor Caipira” acredita que a sociedade deve estar envolvida nesse processo de transformação. As florestas e agroflorestas viabilizadas pelo projeto funcionam como “áreas-escolas”, unidades demonstrativas compostas por diferentes formas e modelos de restauração e adequação ambiental das propriedades rurais. O objetivo é que esses corredores ecológicos estimulem interações entre as comunidades e os agricultores da região, de forma a criar uma relação das pessoas com essas novas áreas de vegetação.

A implantação de um projeto como esse envolve a união de forças entre o poder público e a sociedade, de uma forma geral. Assim, compõe a metodologia do “Corredor Caipira” a criação de uma rede, comprometida com a transformação socioambiental, de forma a trazer à tona o papel e a importância de sistemas agroecológicos e da cultura caipira como mobilizadores de envolvimento e união de toda a comunidade.

Projeto multidisciplinar focado na diversidade, o “Corredor Caipira” tem uma metodologia que reúne diferentes elementos. Antes de abordar cada um deles, vamos trazer à tona um aspecto cada vez mais urgente: a necessidade de conectar paisagens e pessoas. Esse é o tema do nosso próximo capítulo!



Caipira

Termo originário do tupi-guarani, “caipira” identifica “pessoas que vivem no mato” e refere-se ao interior de diferentes estados brasileiros, entre eles, São Paulo. Enfim, o termo está diretamente relacionado a pessoas que, ao viverem no interior, têm uma relação forte com o território onde estão inseridas, de forma a valorizar aspectos importantes, como a vegetação e os costumes locais.

No último século, o termo “caipira” passou a ser utilizado em muitos casos de forma pejorativa, em muito, por influência da indústria cultural e de alguns personagens criados ao longo da história, definidos como tal e que eram extremamente simples, rústicos e até com inteligência questionável. O projeto busca romper com esse estereótipo, ao assumir a identidade caipira – uma vez que ocorre no interior paulista – e buscar trazer à tona os cuidados com o meio ambiente, o olhar atento a sua cultura e a relação de pertencimento com o seu território.



Banco Ativo de Germoplasma (BAG)

O projeto realiza, ainda, a conservação genética de vinte espécies florestais nativas por meio da implantação de um Banco Ativo de Germoplasma (BAG). Germoplasma é o nome dado ao conjunto de material genético de uma espécie, transmitida de geração para geração. Utilizado para a conservação e o melhoramento genético de espécies vegetais e animais, BAG é utilizado como um reservatório de genes em indivíduos vivos.



É urgente conectar paisagens e pessoas!

O projeto “Corredor Caipira – Conectando Paisagens e Pessoas”, traz em seu nome a busca por responder com vida ao paradigma da fragmentação, um padrão de funcionamento da sociedade que promove a quebra de conexão e de relações biológicas das florestas. Esse mesmo padrão de funcionamento da sociedade quebra relações humanas e fragmenta a cultura e os modos de vida nos mais diferentes aspectos.

Neste sentido, o projeto contribui ao refazer conexões que foram perdidas no âmbito das paisagens e das relações humanas. Entendemos que este processo de reconexão é também um exercício de reencantamento dos territórios.

É possível identificar desconexão ao verificar o isolamento de fragmentos florestais inseridos em uma matriz agrícola de monoculturas. Além disso, é também possível verificar este paradigma na educação, em que há um muro enorme entre as diferentes áreas de conhecimento, o que dificulta o mergulho em uma educação integradora na qual, por exemplo, as pessoas possam vivenciar e entender que não existe sociedade sem meio ambiente e sem cultura.

Uma fragmentação também é presente na relação das pessoas umas com as outras e com a natureza, já que vivemos em meio ao individualismo exacerbado e à dificuldade de nos sentirmos parte do todo .

Este paradigma tem sua raiz e ganha força na lógica da colonialidade que prioriza a reprodução incessante de padrões de comportamentos que reduzem a vida a uma funcionalidade utilitarista, voltada prioritariamente a um padrão excludente e silenciador de produção e consumo. O resultado é a destruição de nossas paisagens e da natureza, mas, também, dos saberes, das linguagens, das comunidades e de manifestações culturais.

Como combater a fragmentação das paisagens? A partir do restabelecimento de suas conexões através da implantação dos corredores ecológicos com florestas e agroflorestas. A restauração florestal é um elemento fundamental neste projeto, afinal, são 45 hectares implantados em dois anos.

Mas, e a desconexão das pessoas com seus lugares e territórios? E a falta de articulação entre os diferentes movimentos e setores da sociedade para a realização de estratégias de melhoria socioambiental? E as oportunidades de conexão de pessoas, comunidades e instituições? E o fortalecimento de comunidades e redes? Qual a importância destas reflexões e de se realizar um trabalho que promova este tipo de conexão no contexto do Corredor Caipira? Vamos abordar essas questões a seguir.

Existe uma importante premissa neste projeto: Só conseguiremos conectar as paisagens se as pessoas estiverem conectadas. Assim, trabalhamos com processos de educação, arte, cultura, articulação e fortalecimento de políticas públicas. Acreditamos que estas são chaves de criação de pertencimento e identidade. O pertencimento e a identidade, por sua vez, são chaves para essa conexão.

Para abordarmos a conexão de pessoas, vamos, em primeiro lugar, olhar para a importância deste elemento nas ações de restauração florestal e na implantação de agroflorestas, devidamente previstas no projeto. Para restaurar uma área, não basta defini-la como prioritária para a fauna local transitar e, portanto, configurá-la como importante para a realização de plantios.

É possível, por exemplo, que a pessoa que vive em tal área idealmente mapeada como prioritária para plantio de floresta não esteja disposta a realizar nenhuma ação desse tipo. E aí? De que adianta este mapeamento? Como proceder diante deste desafio a partir do diálogo, de aprendizado mútuo e de investimento na construção de relações?

Ou ainda, é possível também que determinada proprietária de terra queira muito fazer uma agrofloresta e sua área possa se tornar uma “área-escola” para que outras pessoas possam aprender e se inspirar. Como somar esforços e valorizar estes conhecimentos?

Para que as ações de restauração florestal ocorram e possam perdurar no território é imprescindível:

- Criar processos de mobilização, articulação e diálogo permanente com organizações e comunidades presentes no território;
- Estabelecer processos de formação contínua com toda a população e as instituições diretamente envolvidas com as restaurações florestais.

Mais do que isso: é necessário promover trocas de saberes; captar informações sobre os locais a partir da visão de quem faz parte de cada local; trazer à tona, a partir de diálogos, o que faz sentido para cada um presente nos contextos de atuação do projeto; e descobrir as riquezas sociais e culturais das pessoas, comunidades e organizações envolvidas com estes processos.

É interessante considerar também que os 45 hectares a serem implantados são significativos para região, porém, representam uma porcentagem pequena do que deve ser restaurado. Ou seja, 45 hectares não são suficientes para reconectar as paisagens da região em questão.

Muitos outros projetos como esse devem acontecer. Essa é uma tarefa que exige a conexão de toda a sociedade com esta temática. Então, faz parte dos esforços do “Corredor Caipira” promover processos educadores que alcancem diferentes públicos e contribuam com uma mudança de modos de viver, em que agroecologia e floresta sejam prioridades neste território, tanto para a população como para o poder público. Porém, este projeto tem duração limitada, assim como outros projetos similares.

Dessa forma, é necessário, em conjunto a esse trabalho educador, um trabalho profundo de co-criação e fortalecimento de políticas públicas locais que podem contribuir para a conexão de paisagens e pessoas. Para se aprofundar mais sobre o tema das políticas públicas veja a sessão “É urgente restaurar a paisagem e as políticas públicas socioambientais da nossa região” do material [Restaurando o Amanhã](#).

Diante do momento histórico que vivemos, com emergências e crises, é urgente conectar paisagens e pessoas.





Como o Corredor Caipira trabalha a conexão entre paisagens e pessoas?

A partir do fortalecimento e da co-criação de uma rede viva e atuante de pessoas e instituições, comprometidas com a transformação socioambiental do território de abrangência do projeto.

Para tal, é imprescindível o engajamento de pessoas, comunidades e instituições. O “Corredor Caipira” fez isso por meio da realização de um processo educador dialógico, que trouxe à tona o papel e a importância da cultura caipira como mobilizadora de envolvimento e união da comunidade, com destaque para as mulheres, os afrodescendentes, as crianças, as agricultoras e os agricultores. Em nosso território de atuação, já existem iniciativas poderosas e fez parte do nosso trabalho ampliar a voz destas ações, além de promover aprendizado mútuo.

Foram realizados 4 cursos, para diferentes públicos, com carga de 80 horas cada e uma série de 12 oficinas durante toda a duração do projeto. As temáticas abordadas foram:

1. **Agroecologia na transformação de territórios**
2. **Corredores Ecológicos e Agroecológicos**
3. **Adequação ambiental de propriedades rurais**
4. **Conservação da agrobiodiversidade**
5. **Mudanças Climáticas**
6. **Participação e Políticas Públicas**
7. **Cultura caipira e popular**
8. **Negritude, racismo ambiental e contribuição dos afrodescendentes para a cultura caipira e a ocupação do território**
9. **Mulheres na Transformação Socioambiental**

Um pouco da prática

Para a realização desta transformação socioambiental e cultural tão almejada, que reúne sustentabilidade, solidariedade, justiça social e conexão da sociedade com a natureza, é de suma importância partir do contexto local de onde se quer intervir.

Afinal, estamos tratando de uma transformação que prioriza o reencantamento de nossas paisagens através da implantação de florestas e agroflorestas. Para tanto, é preciso conhecer o território a partir deste ponto de vista, buscando entender:

- Quanto ainda existe de floresta no território?
- Quais são os tipos de uso de solo prioritários?
- O que se planta neste território?
- Como se planta?

Ao focarmos, ainda, no reencantamento das pessoas umas com as outras e com seus territórios, é preciso conhecer o território a partir do ponto de vista das relações, da cultura e das políticas. Para tanto, é importante saber:

- Quem atua neste território?
- O que já vem sendo feito?
- Quais são os espaços de cultura e de encontros?
- Quais são os espaços ativos de participação?
- Quais são os projetos, as organizações e as comunidades atuantes?
- Qual é o panorama das políticas públicas locais, elas tocam nas questões que queremos tocar?

Seguem alguns pontos que gostamos de ressaltar sobre a importância de partir do contexto local para a realização de projetos e intervenções para a transformação:

- O conhecimento do território e de suas relações pode se dar através da elaboração de mapeamentos e diagnósticos socioambientais e culturais;
- Quanto mais participativo for o processo de elaboração destes produtos, mais plural ele será, levando em conta diferentes olhares e perspectivas e também mais chance de envolvimento de pessoas;
- A partir do contexto é que se criam soluções realmente úteis, conectadas com o território em questão;
- Realizar intervenções sem conhecer o contexto traz um risco enorme de que estas propostas não atendam o que o território e aquelas pessoas necessitam e querem.

LEIA MAIS NO MATERIAL RESTAURANDO O AMANHÃ:

Exemplos práticos: Diagnóstico da paisagem
Diagnóstico de políticas públicas





O papel da cultura na conexão de paisagens e pessoas

Conservar o meio ambiente está diretamente ligado à proteção e à valorização da cultura. As manifestações culturais são chaves para a conexão que almejamos, por meio do fortalecimento de identidades, criação de pertencimento ao território e celebração da diversidade. E, dessa forma, fazer com que as pessoas se sintam potentes, capazes de agir e transformar.

Cada sociedade constrói uma leitura da natureza, baseada em suas crenças, costumes e tradições. Estabelecer uma relação de conexão com a questão ambiental passa pelo reconhecimento das origens e das raízes caipiras, que remetem a uma forte ligação com a natureza e com o ambiente em que se vive.

Cultura Caipira

“Caipira” é um termo de origem tupi, oriundo de ka'a porá, que une caa (mato) e pora (gente). Ou seja, significa “gente do mato”. É uma designação que compreende a população do interior dos estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Goiás e Mato Grosso, formada a partir da passagem dos bandeirantes por essas terras.

O caipira, ao longo da história, foi estereotipado como um sujeito ingênuo, atrasado, desprovido de inteligência e muito ligado à natureza, o que, frente à industrialização, era sinônimo de atraso. A indústria cultural se aproveitou disso, ao maximizar essa visão de retrocesso, inclusive, estendendo esse olhar às tradições, aos hábitos folclóricos e ao linguajar típico, por exemplo.

Ao assimilar manifestações de origem africana ao longo dos séculos, a cultura local se tornou afrocaipira, marcada, em sua essência, por uma identificação com os ciclos naturais, além de uma forte ligação comunitária que foi rompida por um modo de vida que degrada a natureza e fragmenta a vida humana.

O projeto traz à tona as raízes de ligação com a natureza – as raízes caipiras e afrocaipiras – ao trabalhar junto à comunidade numa perspectiva de contribuição urgente para o restabelecimento dos processos naturais. Isso leva a um reencantamento com o mundo, além da possibilidade da continuidade da vida humana e de todos os outros seres que habitam o planeta.



Como priorizar a participação e a inclusão de todas as pessoas nos processos de transformação territorial?

Em tempos de transformação socioambiental, com a pandemia de covid-19 e outras crises sem precedentes, somos convidados a reavaliar o modo de vida contemporâneo, em geral, pautado pelo materialismo e individualismo, e adotar novos paradigmas, de maior diversidade biológica e social, que possibilitem participação, dignidade e visibilidade de todas e todos, incluindo as outras espécies que também vivem neste planeta.

Podemos olhar para este momento caótico atual como um período propício para reconstruir a história, despertar, retomar a vida e a nossa potência de transformação.

Este momento de crises é um ensejo para uma transição profunda, focada em maior participação na vida, soluções coletivas para os desafios e contribuição para inspirar mais pessoas a se engajarem e também participarem da vida. Aproveitar esta oportunidade de contribuir para estas transformações é o trabalho do “Corredor Caipira”, que entende que parte desta transição inclui uma mudança nas paisagens em que vivemos.



Esta mudança, que demanda a restauração das florestas, a conservação da água, do solo e do ar, também passa necessariamente por uma profunda mudança cultural. É preciso transformar um modo de vida calcado na reverência à produção, ao consumo e ao crescimento baseado na acumulação de bens materiais.

Somos inspirados por uma proposta de reconstrução democrática da democracia, pautada na garantia dos direitos humanos e da natureza e na desconstrução da meta do progresso em sua versão produtivista.

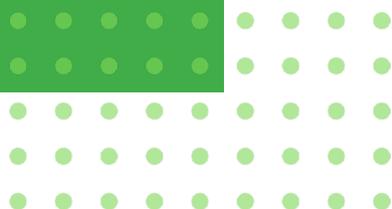
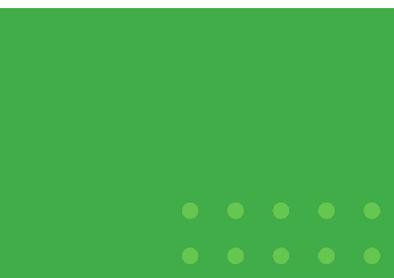
Uma forma de avançar nesta transição em direção a modos de vida mais harmônicos é por meio de uma prática educadora ambientalista comprometida com a construção destes novos modelos de sociedades a partir da participação. É necessária a retomada da habilidade de participar, que é a superação da visão e da vivência fragmentada imposta pelo nosso modo de viver atual.

Mas de que participação estamos falando?

Em nossa metodologia, a participação é criada a partir do diálogo com a diversidade, comprometida com: os direitos de todos os seres e o cuidado mútuo; a regeneração e restabelecimento da dignidade de todas as pessoas, das mulheres, dos LGBTQIA+, dos povos afrodescendentes, dos povos indígenas, das agricultoras e dos agricultores e das trabalhadoras e dos trabalhadores; além do reencontro com nossas raízes, nossa cultura e nossa história e, necessariamente, com a restauração da natureza.

Esta participação tem como uma das finalidades primordiais o “sentir-se parte”, o “pertencer a algo maior”, a um grupo, a um lugar, a uma comunidade. Os desdobramentos que podem vir a acontecer a partir desse sentimento de participar na vida reverberam em criação de identidade, engajamento, compromisso individual e coletivo com o cuidado, com o compartilhar e com o agir em prol de um bem comum e de uma mudança.

Os processos educadores desenvolvidos pelo “Corredor Caipira” buscam promover este tipo de participação, já que, ao restaurar nossas paisagens, precisamos também restaurar nossos sentimentos de pertencimento e conexão com elas e com os seres que as habitam, incluindo toda a diversidade humana. Afinal, é a partir destes sentimentos que se cria envolvimento com a realização das mudanças necessárias para o estabelecimento de modos de vida mais harmônicos, solidários e felizes.



Exemplo prático: Método aplicado no curso Conectando Paisagens e Pessoas - Como Transformar territórios com Agroecologia

Abordaremos aqui os elementos mais inspiradores, trabalhados nas quatro edições do nosso curso, que alcançou mais de 800 pessoas em todo o país, para que possam servir como inspiração nos mais diferentes contextos.

O curso visa mobilizar uma rede de pessoas interessadas e atuantes: na transformação do território com agroecologia; na conexão de paisagens; na conexão de pessoas e comunidades e na cultura local!

Este método foi inspirado em toda a experiência e trajetória do Nace-Pteca e da do Laboratório de Política e Educação Ambiental (Oca) da Esalq/USP

OBJETIVOS DO CURSO

OBJETIVO GERAL

Formar formadores, ou seja, desenvolver um processo de formação de lideranças que atuem de forma crítica e autônoma na transformação e valorização cultural, socioambiental e agroecológica do território em questão.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover processos educadores de mapeamento e diagnóstico sobre as questões relevantes do território e das comunidades envolvidas para a elaboração e realização participativa de intervenções de transformação socioambiental → **DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO**;
- Promover espaços participativos, inclusivos e acolhedores propícios para emergência do protagonismo de mulheres, afrodescendentes, agricultores, jovens, LGBTQIA+ → **ESPAÇO DE PARTICIPAÇÃO**;
- Co-criar comunidades de aprendizagem que se formam mutuamente e contribuir para o fortalecimento de redes para atuarem de forma crítica e autônoma na transformação e valorização cultural e socioambiental do território → **FORMAR COMUNIDADES e FORTALECER REDES**;
- Oferecer subsídios teóricos e práticos para a construção coletiva de conhecimentos, dialogando com os contextos e os saberes locais → **TROCA DE SABERES**;
- Contribuir com o fortalecimento de políticas públicas locais nas temáticas estruturantes do projeto por meio de ações práticas e espaços de debates → **INFLUENCIAR POLÍTICAS PÚBLICAS**;
- Enriquecer o diálogo e a visibilidade da relação entre a cultura caipira local e a sustentabilidade → **ATUALIZAR O DIÁLOGO SOBRE A CULTURA CAIPIRA**.

PRINCIPAIS ELEMENTOS DESTES MÉTODO

Com uma carga horária de 80 horas, cada edição deste curso se desenvolveu com diferenças e esforços para superar os desafios impostos pela pandemia e também para torná-lo mais acessível. Entretanto, em todas as edições trabalhamos a partir dos seguintes elementos principais:

1. Educadores que conciliam os saberes populares e da universidade

- Estas educadoras e estes educadores trouxeram todo seu conhecimento por meio de aulas ao vivo e videoaulas;
- É muito potente o encontro destes dois saberes;
- Reconhecer e valorizar o saber popular é transformador;
- A presença, por exemplo, de agricultoras no papel de educadoras mobiliza os estudantes e também as agricultoras.

2. Abordagem integradora, transformadora e agroecológica do território a qual não dissocia:

Em uma jornada de 10 semanas, o curso trata de forma participativa diferentes eixos temáticos de forma introdutória, a fim de fazer costuras entre esses diferentes eixos, trazendo à tona a relevância e a potência transformadora do território e de se trabalhar conciliando arte, cultura, meio ambiente e sociedade.



Eixo 1 - Floresta e Agrofloresta

Eixo 2 - Educação Ambiental e Participação

Eixo 3 - Agroecologia e Economia Solidária

Eixo 4 - Cultura local, Arte e Transformação

Eixo transversal - Políticas Públicas, Coletivos e Redes

3. Realização de uma intervenção educadora na realidade

Reconhecimento e valorização dos conhecimentos e expertises de cada estudante e também seu potencial de atuação na transformação da realidade. A atividade de intervenção é o fio condutor do curso. Cada grupo de estudantes elabora de forma autônoma uma proposta de ação para intervir em sua realidade, evidenciando o aprender pela práxis. Uma ação simples, possível de ser planejada, executada e registrada em 30 horas, ao longo das 10 semanas de curso e que mobilize a estudar e agir com o suporte das atividades regulares do curso.

Objetivos da atividade de intervenção:

- Propiciar uma experiência coletiva de intervenção e transformação socioambiental no território;
- Exercitar a construção do conhecimento como práxis no território em que está inserido;
- Vislumbrar e articular a continuidade desta ação simples e a possível contribuição da mesma para políticas públicas locais.

4. A importância do contexto e o papel do Interlocutor(a) de Contexto

Para a realização, por parte dos grupos de trabalho, de intervenções socioambientais e culturais contextualizadas, o recomendado é a realização de mapeamentos e diagnósticos socioambientais aprofundados, mas diante do pouco tempo de curso, entram em cena os interlocutores do contexto, que são pessoas mobilizadas pela equipe pedagógica do curso, que, por terem grande engajamento no território devido suas atuações profissionais ou de militância, apoiam os grupos das seguintes formas:

- Fornecendo informações relevantes sobre o contexto local, como os conflitos existentes no território, as problemáticas sociais, econômicas, culturais e ambientais, os processos de planejamento e tomada de decisões políticas, as potencialidades existentes no território e outros;
- Apresentando, para os estudantes, as pessoas do território e temáticas diretamente envolvidas com o tema da atividade de intervenção, que possam contribuir com informações a partir de depoimentos, documentos, vídeos, fotografias etc.;
- Auxiliando na mobilização local para a intervenção proposta pelo grupo de estudantes do curso.



Como potencializar os processos de implantação de florestas de forma demonstrativa

Na região de atuação do “Corredor Caipira”, há um enorme déficit de vegetação nativa nas áreas protegidas por lei, onde é obrigatória a conservação e/ou restauração ecológica do local (APPs e RLs). No território de ação direta do projeto, identificamos um déficit de 28.500 hectares de área sem cobertura vegetal natural, considerando somente as APPs hídricas, aquelas áreas que visam a proteção das nascentes e cursos d’água, ou seja, se considerarmos todos tipos de APPs e as RLs esse déficit é ainda maior.

Frente a esse cenário alarmante, é urgente criarmos processos para aumentar a cobertura vegetal nativa, promover a restauração ecológica na paisagem e, assim, assegurarmos os serviços ecossistêmicos promovidos pelos ecossistemas naturais. Os serviços ecossistêmicos promovidos pelas florestas e ambientes naturais são vitais para a existência de nós, humanos, na Terra. Conservação dos ciclos hidrológicos e produção de água em abundância, estocagem de carbono e diminuição do aquecimento global, ambientes mais resilientes e mais adaptados às mudanças climáticas e a conservação da biodiversidade são alguns exemplos de serviços ecossistêmicos gerados pelos ambientes florestais.

Em nossa região é nítida a diminuição do volume de água nos rios. Em Piracicaba - SP a diminuição da superfície d’água é de 50% nos últimos 20 anos. Já em São Pedro – SP, o dado é ainda mais crítico, desde 1991 o município perdeu 68% de superfície hídrica (MAPBIOMAS*). Essa situação trágica se dá pelo mau uso e conservação do solo, historicamente promovido pelos sistemas agropecuários industriais fortemente presentes na região e pela escassez de cobertura vegetal natural. Dessa forma, quais estratégias podemos adotar para reverter essa situação crítica que enfrentamos? O desafio certamente é enorme e cada vez mais necessário a transformação na prática.

Em Piracicaba (SP) a diminuição da superfície d’água é de 50% nos últimos 20 anos. Já em São Pedro (SP), o dado é ainda mais crítico, desde 1991 o município perdeu 68% de superfície hídrica (MAPBIOMAS*)

O “Corredor Caipira” possui como meta a implantação de 45 hectares com restauração ecológica e com sistemas agroflorestais. Um número expressivo em termos financeiros, logísticos e de quantidade de trabalho para se realizar em dois anos, porém, muito pouco frente à urgente necessidade de transformação destacada anteriormente. Esse dilema nos trouxe a seguinte reflexão: quais estratégias metodológicas devemos aplicar para que esses 45 hectares implantados sejam impactantes na melhoria das condições ambientais de nossa paisagem?

A primeira estratégia foi priorizar áreas de extrema relevância socioambiental para o território que foram levantadas no diagnóstico da paisagem realizado pelo projeto. Este trabalho está detalhado na cartilha produzida pelo “Corredor Caipira”, intitulada “Restaurando o amanhã: desafios e propostas para a paisagem”.



A segunda estratégia foi a transformação desses locais a serem restaurados em áreas demonstrativas para a sociedade, como forma de apontar que é possível fazer transformação na prática, o que é fundamental para a mobilização, formação e criação de sentimento de possibilidade para aqueles que se conectam com a proposta.

A terceira estratégia foi envolver o poder público municipal na articulação e na participação efetiva dos processos de planejamento e implantação dessas áreas. Uma parceria que, além de proporcionar mais recursos operacionais que permitem ampliar as áreas restauradas, também insere o tema na pauta do município, que passa a criar estratégias de manutenção e ampliação dessas áreas por meio de políticas públicas e outros projetos.



Um exemplo prático de utilização dessas três estratégias no “Corredor Caipira” foi a restauração florestal e agroflorestal realizada em uma área pública no município de São Pedro (SP). Faremos uma breve descrição metodológica desse processo para elucidar como essas estratégias podem ser aplicadas. Os exemplos práticos relatados servem para inspirar outras ações da mesma natureza, entretanto, as ideias precisam ser reformuladas, replanejadas e adaptadas ao contexto e à realidade de cada território.

Exemplo prático: Oficinas de implantação florestal e agroflorestal em São Pedro (SP):

O local escolhido para realização das oficinas é uma área de extrema importância socioambiental para o território. Denominada “Nascente Modelo do Jamil – Ecoporto”, trata-se de uma área pública do município de São Pedro, no interior do estado de São Paulo. As nascentes presentes nesta área fornecem parte da água de abastecimento público do município. Além disso, o local recebe o material orgânico oriundo das podas urbanas (troncos, galhos e folhas). Outro ponto de grande relevância para a escolha da área é o envolvimento da comunidade do entorno no cuidado com o local. Esses agentes locais já tinham o hábito de realizar plantios de árvores nos arredores das nascentes, instalação de horta comunitária, organização de parte do material orgânico depositado, entre outras ações. Contudo, a área é muito vulnerável ao fogo devido à grande concentração de materiais como madeira e capim seco no inverno.

Entendendo a importância socioambiental desta área, a coordenadoria de meio ambiente do município, juntamente com o “Corredor Caipira”, iniciou os estudos para transformação do local em uma Unidade de Conservação na modalidade de Parque Municipal. Assim, entendemos que o local deveria ser um ponto de referência para implantação dos modelos de restauração florestal e agroflorestal do projeto.

Dois modelos foram escolhidos para a recuperação ambiental do local: A restauração ecológica com plantio de mudas arbóreas nativas em área total e os sistemas agroflorestais biodiversos. Os modelos escolhidos são pensados a partir das características biofísicas do local, dos recursos disponíveis e também de acordo com a disponibilidade de ações de manejo e manutenção pós-plantio. Todo o planejamento das atividades foi realizado conjuntamente com os atores públicos responsáveis pelo local e também com os agentes locais da comunidade, os chamados “guardiões”, que zelam e cuidam da área e devem sempre estar envolvidos nos processos de planejamento e execução das ações.

A primeira oficina em formato de mutirão no local foi realizada para implantação de uma área de restauração ecológica com mudas de espécies arbóreas nativas, posicionando essas mudas nas proximidades da nascente Área de Preservação Permanente (APP). Houve grande envolvimento da sociedade são pedrense, que mobilizou 75 pessoas para a oficina e plantou, neste dia, cerca de 500 mudas no local. A sensibilização dos participantes na atividade pode ser elucidada com algumas falas relatadas posteriormente a ação.

Aluna da Escola Municipal Professora Ricarda de Paiva Lima Berzin, Kauany Oliveira, de 13 anos, participou do plantio e vai se lembrar da ação de forma positiva. “Quando eu passar por aqui, eu vou me sentir bem, porque eu plantei bastante árvores e, assim, estou ajudando os animais e o meio ambiente”, disse. O colega de Kauany,



Pablo Henrique Prado, de 14 anos, aprovou o plantio e o bate-papo sobre educação ambiental. “Eu gostei do projeto, acho muito necessário. As pessoas não deveriam colocar fogo na floresta, porque muitos animais morrem e isso faz muito mal à nossa saúde”, opinou.

Posteriormente, realizamos outra oficina no local, desta vez para implantação de um modelo de Sistema Agroflorestal (SAF). Os SAFs, além de promover os serviços ecossistêmicos semelhantes aos que uma floresta proporciona, também produzem alimentos, medicinais, fibras e madeiras para consumo humano. Esses modelos proporcionam segurança alimentar, geração de renda, e a conservação da biodiversidade e da água. É possível produzir alimentos sem destruir o ambiente e o solo! Dessa forma, apresentar exemplos práticos de como é possível implantar esses modelos é fundamental para gerar estímulo.

A organização da ação novamente seguiu o princípio da participação, com os agentes locais e o poder público municipal. A oficina foi dividida em dois momentos: um com a participação do público adulto e outro com a participação de alunos das escolas do bairro. Essa divisão foi aplicada para facilitar a organização da atividade, uma vez que os públicos distintos devem ser trabalhados com linguagens e metodologias de aprendizagens distintas.

No primeiro momento, participaram 27 pessoas que puderam aprofundar nos conceitos e princípios dos sistemas agroflorestais biodiversos e aprender com a prática do plantio das diversas espécies de frutas, nativas, hortaliças medicinais, ornamentais e adubadeiras que foram arranjadas no sistema e planejadas para se cooperarem e gerarem abundância de vida no local.



No segundo momento, as crianças se envolveram na prática do plantio da agrofloresta. Participaram 40 alunos da Escola Municipal Professora Ricarda de Paiva Lima Berzin, que fica nas proximidades do local. A atividade foi pensada conjuntamente com os professores envolvidos para que esses também pudessem ser sensibilizados para dar continuidade à formação dos demais alunos nas temáticas socioambientais na área modelo. A área de SAF implantada na oficina, dessa forma, passa a ser uma extensão da escola, que pode ser utilizada para educação e sensibilização ambiental dos estudantes.

Por meio desses métodos e estratégias, podemos iniciar a restauração ambiental de toda a área da nascente modelo do Jamil – ecoponto. Durante as oficinas, implantamos 0,5 hectares de florestas e agroflorestas. Posteriormente, com envolvimento ativo da comunidade e poder público local, foram restaurados mais 2,1 hectares. Essas áreas, à medida que se desenvolvem, vão proporcionar melhor conservação da água, aumentando o volume hídrico disponível para o abastecimento público. Este exemplo destaca as estratégias de como potencializar as transformações ambientais necessárias através de processos demonstrativos de implantação de floresta e agrofloresta.

A área restaurada neste exemplo é pequena frente ao desafio e necessidade que temos de transformar o município. No entanto, o método de implantação que selecionou um local de alta relevância socioambiental e envolveu a sociedade e poder público nos processos transformou esse local em uma “área-escola” com objetivo de inspirar e potencializar a ampliação da cobertura florestal no território, tão necessária e urgente.



Amanhã - Considerações finais

Ao estabelecer estratégias de restauração e conservação das florestas, o “Corredor Caipira” utiliza, em sua metodologia, a inclusão da cultura como formas de fazer as pessoas se conectarem ao território em que vivem e, assim, preservarem o ambiente onde estão inseridos.

Isso porque a arte e a cultura têm o papel de despertar um sentimento de pertencimento. “Ninguém ama o que não conhece”, diria o poeta e, conseqüentemente, a arte, na nossa visão, tem o poder de estabelecer esse sentimento, ao criar vínculos com as pessoas a partir da música, do audiovisual, das artes cênicas, das artes plásticas e gráficas. A valorização da cultura e da arte local permite uma conexão das pessoas com a terra e a preservação da paisagem que as cerca.

A comunicação também exerce um papel fundamental nessa metodologia: ao trabalharmos a disseminação de informações devidamente checadas e amparadas cientificamente, tal qual o “Corredor Caipira” faz, estamos possibilitando às pessoas tomarem decisões assertivas no seu cotidiano, rompendo com o ciclo da desinformação – um dos grandes males da nossa era – que faz com que informações inverídicas cheguem à sociedade, o que compromete a tomada de decisões e também a saúde do planeta.

Tal qual uma floresta, em que a diversidade representa a manutenção da flora e da fauna em seu território, o “Corredor Caipira” traz em sua metodologia uma diversidade de conceitos e a união de diferentes setores. Afinal, ao pensar e trabalhar por um amanhã mais justo e sustentável para as próximas gerações, é preciso considerar a diversidade de linguagens, de características e de conceitos.

Mais do que respeitar a diversidade, é preciso celebrá-la e encará-la como fonte de riqueza cultural e de vida! Que assim seja o nosso amanhã!

Viva o “Corredor Caipira”!

Referências:

MAPBIOMAS – Disponível em : <https://plataforma.agua.mapbiomas.org/map/-7.694831/-49.026717/5.4/biome/4/biome/water/1985/2021> - acesso em 22/09/2022

Corredor Caipira - Cartilha: "restaurando o amanhã: desafios e propostas para a paisagem" – Disponível em: <https://corredorcaipira.com.br/downloads/>

Realização:

Patrocínio:



Para conectar fragmentos florestais é preciso conectar as pessoas a esse território. Por isso, fizemos este guia que mostra como o projeto "Corredor Caipira" trabalha a conexão de paisagens do interior de São Paulo, por meio da conexão das pessoas com a sua cultura.

O material apresenta métodos, propostas e exemplos práticos para inspirar pessoas, comunidades e poder público a participarem da transformação socioambiental e agroecológica em seus próprios territórios. Venha conosco!

Realização:



Patrocínio:

